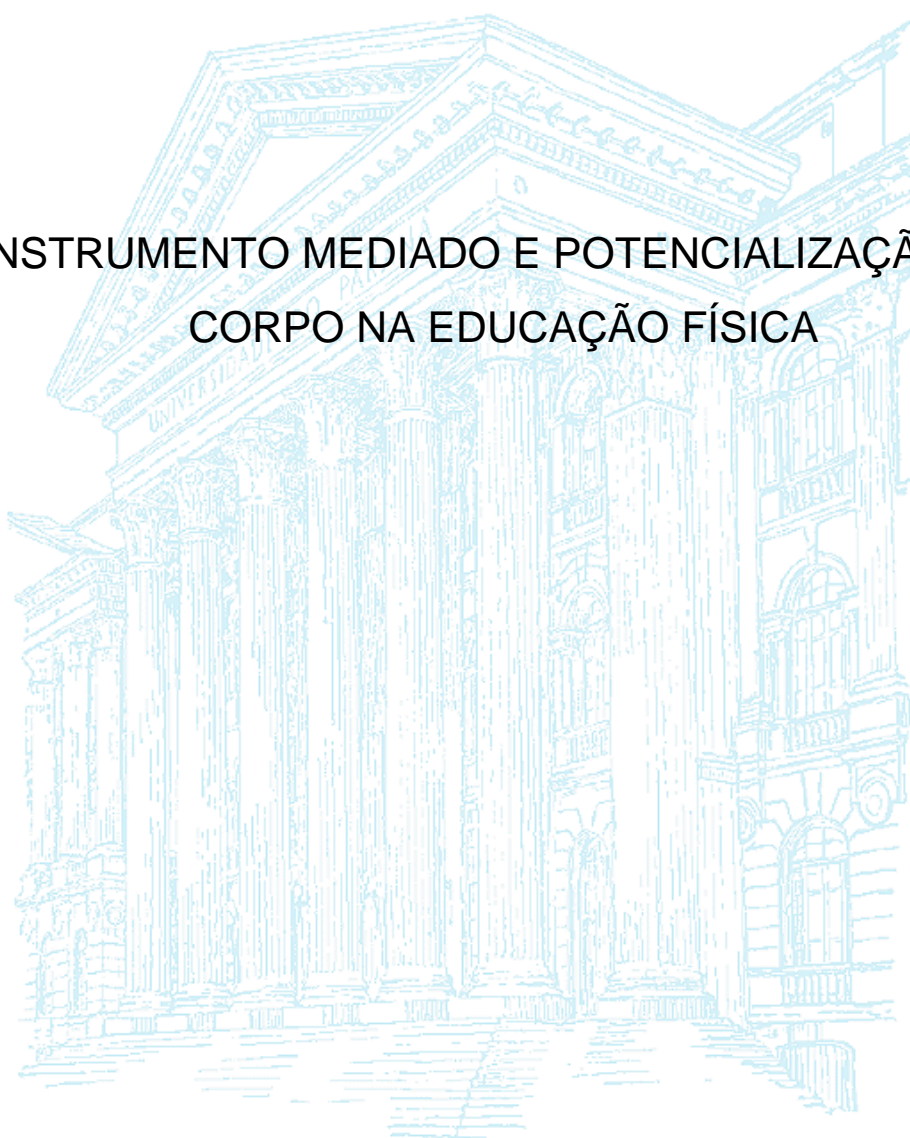


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

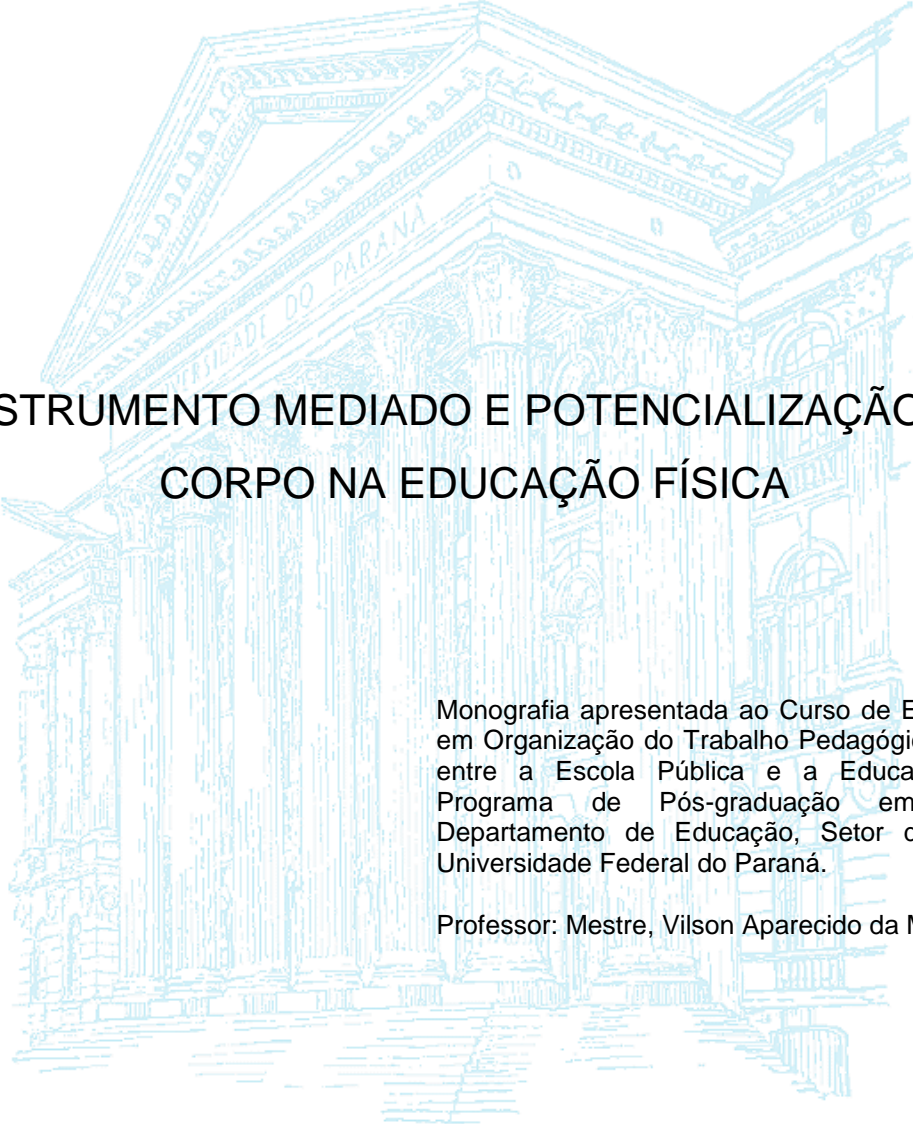
GUILHERME FERREIRA RIBEIRO

**INSTRUMENTO MEDIADO E POTENCIALIZAÇÃO DO
CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**



**Curitiba
2014**

GUILHERME FERREIRA RIBEIRO



INSTRUMENTO MEDIADO E POTENCIALIZAÇÃO DO
CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico: a Relação entre a Escola Pública e a Educação Popular, Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Educação, Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná.

Professor: Mestre, Vilson Aparecido da Mata.

Curitiba
2014

GUILHERME FERREIRA RIBEIRO

**Instrumento Mediado e Potencialização do Corpo na
Educação Física**

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista no Curso Organização do Trabalho Pedagógico: a Relação entre a Escola Pública e a Educação Popular, Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Educação, Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador(a): Prof^o. Mestre. Vilson Aparecido da Mata

Curitiba, ____ de fevereiro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha Mãe Márcia, a minha namorada Andreia e meu filho Diego Rodrigo: as duas primeiras pela paciência e várias leituras do meu trabalho, e ao meu filho pelo tempo que não pude estar junto com ele.

Aos companheiros trabalhadores da turma OTP: especialmente ao Thiago, Lucas e Milena.

Aos meus amigos, mestres e companheiros que auxiliaram do ingresso à OTP ao seu término: Navarro, Nilo, Vilson, Gracialino.

Ao Grupo de estudo NupeMarx, companheiros e amigos: Lígia, Graziela, Carina, Marcelo, PG, Andrea, Maria e companhia.

Aos mestres trabalhadores que lecionam na OTP, que lutam para que a educação não seja relação mercantil.

A cada gesto, em cada movimento, em cada olhar e a cada sentido humano as relações históricas e sociais estão incorporadas ao *ser*.

Ser professor é poder aprender a cada dia a ensinar aquilo que é humano, e ser humano também é aprender a cada dia, a cada instante a cada avanço da sociedade.

A maior sabedoria do homem é conhecer a si mesmo, para conhecer a si mesmo é necessário conhecer o seu gênero e as relações históricas e sociais da produção da vida humana.

RESUMO NA LINGUA VERNÁCULA

O presente estudo pesquisou o instrumento mediado e potencialização do corpo na educação física. Valeu-se de tal objeto por considerar o ser humano como ser ontológico, ou seja, o trabalho como elemento fundante da constituição do gênero humano e de sua manifestação corpórea e espiritual, como síntese de várias determinações históricas e sociais. Buscamos compreender também, como os instrumentos mediadores podem potencializar a relação do ser humano com a natureza e com outros indivíduos, e de como os instrumentos despotencializam o ser humano pela relação do trabalho estranhado capitalista e, também, analisamos qual seria o papel da Organização do Trabalho Pedagógico na educação física segundo os interesses da classe trabalhadora. A metodologia utilizada na análise do problema em seu movimento real, faz a crítica profunda e não observa os fenômenos, mas vai à compreensão da essência do problema em suas relações reais, foi com materialismo histórico e dialético enquanto método de análise, que realizamos uma “revisão bibliográfica” nas obras de Marx e Engels, como também em teóricos orgânicos do marxismo. A pesquisa demonstrou e concluiu que tanto as relações recíprocas na unidade entre corpo e espírito, como construção ontológica dos seres sociais em constante desenvolvimento necessitam de instrumentos mediadores que potencializam o ser humano, mas na relação capitalista da venda da força de trabalho, do trabalho estranhado, a desumanização, a fragmentação, embrutecimento e a unilateralização dos trabalhadores são inerente a este momento histórico. E, que na Organização do Trabalho Pedagógico na educação física, que têm referência na conscientização dos trabalhadores de sua relação de explorado, deve apropriar-se dos instrumentos históricos potencializadores do ser humano no saber e no fazer.

Palavras-chave: *Trabalho*, Instrumento e Organização do Trabalho pedagógico na Educação Física.

RESUMO EM LINGUA ESTRANGEIRA

Este estudio investigó la potenciación instrumento mediada por el cuerpo y la educación física . Gracias a un objeto, al considerar al ser humano como ontológica , es decir , el trabajo como un elemento fundamental de la constitución de la humanidad y su ser corporal y la manifestación espiritual, como una síntesis de múltiples determinaciones históricas y sociales. También tratamos de entender cómo las herramientas mediadoras pueden mejorar la relación de los humanos con la naturaleza y con otras personas , y cómo las herramientas despotencializam los humanos por relación capitalista del trabajo enajenado y analizado , también , cuál es el papel de la Organización el trabajo pedagógico en la educación física en los intereses de la clase obrera. La metodología utilizada en el análisis del problema en su verdadero movimiento hace revisión profunda y no observa los fenómenos , sino que va a la comprensión de la esencia del problema en sus relaciones era con el materialismo dialéctico e histórico como método de análisis que se realizó un " revisión de la literatura " en las obras de Marx y Engels , así como en los teóricos orgánicos del marxismo. La investigación demostró y concluyó que tanto las relaciones recíprocas entre el cuerpo de la unidad y el espíritu , como la construcción ontológica de los seres sociales en constante desarrollo requieren herramientas mediadoras que mejoran el ser humano , pero la relación capitalista de la venta de la fuerza de trabajo , el trabajo enajenado , la deshumanización , la fragmentación, la brutalización y trabajadores unilateralizaçãõ son inherentes a este momento histórico. Y que la organización del trabajo pedagógico en la educación física , que tienen referencia en la conciencia de los trabajadores de su relación explorado , debe apropiarse de los instrumentos históricos aumentando el ser humano en el saber y hacer.

Palavras-chave: Trabajo Instrumento Organización y trabajo pedagógico en Educación Física.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1- CAPÍTULO: ONTOLOGIA DO TRABALHO e INSTRUMENTOS: a importância dos instrumentos para a constituição do ser humano como ser genérico	10
1.1 - <i>Ontologia do trabalho e corpo humano</i>	10
1.2 - <i>O trabalho alienado e/ou estranhado</i>	14
2- CAPÍTULO: INSTRUMENTO MEDIADO E POTENCIALIZAÇÃO DO SER HUMANO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	19
2.1 - <i>Instrumentos: os mediadores do trabalho humano</i>	19
2.2 - <i>Organização do Trabalho Pedagógico e Educação Física como instrumento potencializador na luta de classe</i>	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Concebendo que todo professor e toda professora têm papel científico, político, cultural e econômico na Organização do seu Trabalho Pedagógico, a ação de educar pode prover uma conscientização das relações de classes da sociedade capitalista.

Os professores e professoras que atuam em escola pública ou não também estão inseridos nas relações sociais de classe, ou seja, são trabalhadores da educação. E, na especificidade da escola pública, a constituição de sua massa do alunado são filhos e filhas da classe trabalhadora. Portanto, o chão da escola pública é constituído de trabalhadores.

O *objetivo* da pesquisa neste trabalho é compreender a constituição dos corpos humanos e de como os instrumentos mediadores podem potencializar o ser humano na sua relação com a natureza e com outros indivíduos, ou na mesma medida, de como esta potencialização pode transformar-se em despotencialização das relações humanas. Sendo assim, qual é o papel de uma Organização do Trabalho Pedagógico nas aulas de Educação Física que buscam os interesses da classe trabalhadora, e por isso, o interesse do desenvolvimento de relação humana.

A nossa hipótese é: Sendo o instrumento mediado um dos elementos constitutivos do ser humano, produto do trabalho, então é fundamental que a educação física, como parte do todo da escola, utilize os instrumentos inerentes as aulas de modo consciente e conforme os interesses da classe trabalhadora.

A partir desta hipótese buscamos nos orientar na pesquisa pela lente do Materialismo Histórico–Dialético, que, segundo Netto (2011) é: “[...] o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência visando alcançar a essência do objeto.” (p. 22).

Compreendemos que a distinção entre a aparência da constituição do corpo humano e, de sua verdadeira essência é primordial, porque através do trabalho os seres humanos transformam suas relações sociais e, com isso, transforma seus sentidos, suas habilidades e destrezas corpóreas e espirituais. E, portanto, estas transformações são históricas que aparentam ser naturais, mas são adquiridas historicamente.

O ser social – e a sociabilidade resulta elementarmente do *trabalho*, que constituirá o modelo da *práxis* – é um processo, movimento que se dinamiza por *contradição*, cuja superação o conduz a patamares de crescente

complexidade, nos quais novas *contradições* impulsionam a outra superação. (NETTO, p. 31, 2011).

O trabalho é a essência humana, a essência *em relação* com as *práxis*, modelo necessário à *práxis*, as transformações nas relações da vida humana.

Os homens, ao desenvolver as suas faculdades produtivas, isto é, vivendo, desenvolvem certas relações entre si, e [...] o modo destas relações muda necessariamente com a modificação e o desenvolvimento daquelas faculdades produtivas. (ibid., p. 34).

E, portanto, a constituição das relações sociais então intimamente ligadas às forças produtivas e, as transformações em uma altera a outra, sendo elas produtos históricos e transitórios.

Através das categorias: *trabalho, educação física, corpo, instrumento, potencialização e despotencialização humana, universalidade* analisar-se-ão tais objetivos:

E, portanto, buscamos na investigação conhecer a natureza real da constituição do corpo humano e, como os instrumentos estão relacionados a esta constituição.

Realizamos, para isso, o estudo e análise nas obras de Marx, Engels: **Manuscritos econômico-filosóficos; A Ideologia Alemã; Trabalho assalariado e capital; O Capital; Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**, com apoio de vários intelectuais orgânicos Marxistas, cujos encontrarão no corpo deste trabalho. E, esta análise poderá ser chamada de “Revisão Bibliográfica”, mas uma revisão teórica que tem sua verificação de verdade na prática social e histórica.

E, por isso, o trabalho está dividido em dois capítulos, o primeiro capítulo aborda o trabalho em seu sentido ontológico. Relacionando o instrumento com a própria atividade produtiva humana. Também trata da questão do estranhamento e despotencialização do ser humano nas condições históricas do trabalho estranhado, característica do capitalismo.

O segundo capítulo trata especificamente dos instrumentos mediados e sua importância para a constituição do ser humano, bem como sua consequência quando associado ao trabalho estranhado. Este capítulo aborda também o modo como a educação física deve utilizar o instrumento mediado conforme os interesses da classe trabalhadora.

CAPÍTULO 1

ONTOLOGIA DO TRABALHO e INSTRUMENTOS:

a importância dos instrumentos para a constituição do ser humano como ser genérico

Trataremos, neste capítulo, da constituição do ser humano como ser ontológico e, por isso, como ser social e histórico. Nesta condição, entendemos o trabalho como elemento fundante para a constituição do gênero humano, uma vez que somente pela atividade do trabalho os seres humanos foram capazes de superar sua dependência biológica na relação com a natureza. Então, o trabalho é considerado aqui como a relação social complexa do ser humano com a natureza e do ser humano com os demais seres humanos.

Neste capítulo, também, será considerada a questão do trabalho estranhado, porque o indivíduo estranhado é o indivíduo que não se reconhece em seu próprio processo de produção. Esta análise é específica da sociedade capitalista, onde se concretiza a relação estranhada do ser humano com o produto do seu trabalho, com o processo de produção, com a natureza e consigo próprio.

1.1 Ontologia do trabalho e corpo humano

A complexa composição do organismo humano é formada, em sua totalidade, pelos elementos naturais encontrados na natureza: o ferro, o carbono, o oxigênio, o hidrogênio, o cálcio, etc., são componentes basilares, inorgânicos, de toda vida orgânica. A própria composição corporal humana é, então, fundamentalmente formada por elementos não vivos. O que isso significa, é que o ser humano é constituído pelos elementos existentes na natureza, porém, como é evidente, o ser humano não é um ser restrito às determinações da natureza.

O ser humano superou as determinações da natureza através de sua atividade consciente sobre ela, rompeu com as barreiras que o ligavam às carências meramente biológicas, “[...] ele [homem] utiliza as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas para fazê-las atuar sobre outras coisas, de acordo com o seu propósito.” (MARX, p. 256, 2013).

Ao fazer isso, o gênero humano produziu sua história que, para Marx, se apresenta em dois aspectos: a história da natureza, as “ciências naturais”; e a história dos homens, “[...] os dois lados não podem ser divididos; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionam mutuamente” (MARX, 2007, p.39).

Então, como podemos compreender a existência das relações humanas? Inicialmente, é pela satisfação das carências mais fundamentais que a existência das relações humanas se estabelece e se torna mais complexa. A satisfação das carências fundamentais humanas é, conforme Marx, determinada inicialmente pela realidade material que circunda os indivíduos:¹.

As nossas premissas são os indivíduos reais, a sua acção e as suas condições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontramos já elaboradas aquando do seu aparecimento quer das que ele próprio criou. Estas bases são portanto verificáveis por vias puramente empíricas. A primeira condição de toda a história humana é evidentemente a existência de seres humanos vivos. O primeiro acto histórico desses indivíduos, através do qual se distinguem dos animais, não é o facto de pensarem, mas sim o de *produzirem os seus meios de existência*. [...] pode-se referir a consciência, a religião e tudo que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a *produção* dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. (MARX, p.18-19, 1997).

As carências² e necessidades humanas são carências e necessidades corporais, em sua essência. A manutenção do corpo, das funções biológicas básicas, é o elemento primário da existência humana, mas não é a única necessidade e carência, por sua atividade consciente, o ser humano desenvolveu novas e mais complexas carências, espirituais, que mantém, em sua base, as determinações materiais.

Para Engels, os nossos antepassados distinguiram as atividades realizadas entre as mãos, que serviam fundamentalmente para colher e sustentar os alimentos, das dos pés, cuja função era essencialmente a da locomoção. Já utilizavam sua

¹ Segundo Marx, existe uma distinção entre objeto do trabalho e matéria-prima “o próprio objeto do trabalho já é, por assim dizer, filtrado por um trabalho anterior, então o chamamos de matéria-prima, [...] toda matéria-prima é objeto do trabalho, mas nem todo objeto do trabalho é matéria-prima. O objeto de trabalho só é matéria-prima quando já sofreu uma modificação mediada pelo trabalho.” (MARX, 2013, p.256).

² As carências e necessidades no que se refere a Marx (2010): a carência é a constatação de que falta alguma coisa para sua satisfação e, a necessidade é a lei de determinado fenômeno, é a consciência das às leis que condiciona, demonstrando as situações e eventos com suas qualidades e propriedade. Porém, usualmente no nosso país necessidade tornou-se sinônimo de carência. E, portanto, ambas são produtos históricos criados pelo/com os homens no/pelo trabalho.

mão como um instrumento mediado, que se punha entre o objeto da natureza a ser manipulado e a consciência que idealizava, antecipava a ação da mão. Esta distinção entre pés e mãos foi determinante para a aquisição e desenvolvimento da posição ereta,

Mas já havia sido dado o passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração a geração. Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição. (ENGELS, 2002, p. 13 – 14).

A mão como instrumento mediado é, sem dúvida, um passo decisivo, porém, insuficiente, pois, a fim de garantir sua sobrevivência, foi necessário que o ser humano se apropriasse da natureza e a transformasse em instrumentos que potencializassem o corpo, transformando assim sua complexidade corporal natural em complexidade corporal social e histórica. A precariedade do corpo humano impossibilitava sua existência em termos puramente naturais, nas palavras de Klein, Silva e Da Mata:

O corpo humano é frágil demais para garantir a existência da espécie, a não ser em níveis estritamente instintivos. Desprovido de força, tal como os enormes herbívoros cujos predadores são poucos; desprovido de garras e presas, tais como as dos grandes felinos que então perambulavam pelas sombras das savanas; desprovido de uma visão mais aguda, de olfato penetrante, de audição sensível, etc., a espécie de que derivamos não somente encontrava grande dificuldade para suprir mesmo suas necessidades mais imediatas, como era presa fácil de outros animais para quem a natureza fora mais generosa, dotando-os de força, garras, presas, agilidade e velocidade muito superiores ao que coubera ao homem no processo evolutivo das espécies.

Apesar disso e por isso, a história da humanidade se inicia com os primeiros esforços de superação desses limites biológicos. A cooperação simples e a construção de instrumentos foram as formas pelas quais os homens buscaram potencializar suas parcas propriedades. A lenta, mas constante, criação desses recursos permitiu-lhe uma nova forma de relação com a natureza: o trabalho. Tal relação constitui, desde seus primórdios, uma atividade por relações sociais e por instrumentos. Ambas as mediações criam condições concretas de potencialização de capacidades naturais do homem, bem como a criação de novas propriedades ou capacidades. Pelo trabalho, o homem modificou o meio material e atribuiu funções próprias às coisas da natureza. (KLEIN, SILVA e DA MATA, 2011, p.239-240).

O salto evolutivo foi dado, a espécie humana, para suprir suas carências e necessidades, dá o salto qualitativamente novo na história e inicia a produção de instrumentos que potencializam sua ação, sua organização corporal se torna mais

complexa pela utilização de tais instrumentos, não porque tenha sido modificada, mas porque seus gestos, suas ações, suas inter-relações, pelo uso do instrumento, tornaram-se qualitativamente diferentes.

Em sua relação com a natureza, inevitável e necessária, o homem desenvolve capacidades até então adormecidas. A esta relação chamamos trabalho. Este movimento de transformação é de duplo caminho: de um lado, o ser humano age sobre a natureza e a modifica e, por outro lado, modifica a si mesmo pela resistência e pela inóspita realidade. Quando modifica a natureza, o homem modifica a si mesmo, ou, como nos ensina Marx: “[...] agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio deste movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.” (MARX, 2013, p. 255).

Como exemplo dessa complexificação temos os sentidos humanos, que desenvolveram-se pela atividade do trabalho, uma vez que, ao transformar a natureza, o ser humano transformou também o modo como apreende essa natureza. Ou seja, na mesma medida em que existe o desenvolvimento objetivo das relações materiais, se desenvolve a sensibilidade humana: audição, olfato, tato, paladar, visão, fala, voz, marcha, velocidade, precisão, consciência, etc.,

[...] o órgão vocal primitivo dos antepassados do homem referiu-se com a necessidade de articular sons mais complexos. A complexificação da anatomia humana, do órgão vocal primitivo, associado à complexificação das condições da vida e, logo, da necessidade de comunicação e criação da linguagem, resultam em transformações anatômicas que ocorrem para a criação de formas mais econômicas e apropriadas da linguagem. (KLEIN, SILVA e DA MATA, 2011, p. 245).

E isso gera carências objetivas concomitantemente com as transformações subjetivas, estimulando o desenvolvimento dos órgãos da comunicação: a laringe e o ouvido, que por seu turno desenvolvem o cérebro, e devido esta ampliação do seu conhecimento, da sua consciência, desenvolve novas formas (instrumentos) que medeiam sua relação com a natureza, como também com os outros indivíduos de sua espécie.

A produção humana potencializou o ser humano ao subordinar a natureza conforme suas necessidades, desde as habilidades físicas até as capacidades intelectuais, nas palavras de Marx: “O homem não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, ser existente para si mesmo (*für sich selbst seiendes Wesen*), por isso, *ser genérico*, que, enquanto tal tem de atuar e confirmar-se tanto em seu ser quanto em seu saber.” (MARX, 2010, p. 128).

O ser humano, no processo de trabalho, idealiza, prefigura, planeja a ação que irá exercer no objeto do seu trabalho ou matéria prima, estas ações são delineadas, por meios e fins, a chegar ao produto que ele planejou em sua mente. Os instrumentos de trabalho são o fio condutor que potencializam suas capacidades, a teleologia é a característica do trabalho especificamente humano, regulando-o através das imagens mentais da realidade objetiva. Com isso, os dados dessa realidade são percebidos, entendidos, retidos e reproduzidos por sua memória e objetivados por sua atividade consciente através da mediação de um instrumento por ele concebido e criado.

Historicamente, a necessidade por tal apresentação da imagem mental para o sujeito surge somente durante a transação da atividade adaptativa dos animais para a atividade laboral, produtiva, que é peculiar ao homem. O produto ao qual a atividade é agora direcionada não existe ainda. Assim, ela pode regular a atividade somente se é apresentada de tal forma que o permite compará-la com o material original e com suas transformações intermediárias. Ainda mais, a imagem mental do produto como um objeto deve existir para o sujeito de tal maneira que ele pode agir com esta imagem – modificá-la de acordo com as condições à disposição. Tais imagens são imagens conscientes, noções conscientes, ou, em outras palavras, os fenômenos da consciência. (LEONTIEV, 2013, p. 7).

Em síntese, o trabalho é uma atividade complexa, e que se complexifica a cada nova necessidade que surge, ele é uma atividade vital humana, que não transforma apenas o mundo material, mas também, e na mesma medida, a consciência do homem, a sua organização corporal, suas relações genéricas. Com isto surgem outras atividades que estão para além do trabalho, mas elas têm seus fundamentos profundamente enraizados no trabalho. Ainda que o indivíduo não tenha consciência destes fenômenos sociais, eles existem e não são criações isoladas, mas sim produtos do gênero humano, ou seja, o indivíduo só existe como ser genérico, se entendido em sua relação com seu gênero humano.

1.2 O trabalho alienado e/ou estranhado

A partir das considerações tecidas na primeira parte, trataremos aqui do ser humano estranhado, especificamente do ser humano estranhado na sociedade capitalista e a forma como a relação estranhada implica em um indivíduo que não reconhece a si mesmo no processo de produção de sua organização corporal; material e espiritual.

Um olhar para o passado pode ajudar a compreender melhor o estranhamento do trabalho. No feudalismo os servos pertenciam a terra e conheciam todo o processo de trabalho de que participavam. A revolução industrial trouxe consigo uma nova forma de produção material, ou seja, novas forças econômicas. Este novo modelo econômico de produção baseou-se na propriedade privada dos meios de produção material e intelectual e teve como fundamento a “liberdade” contratual, ou seja, da compra e venda da força de trabalho.

A força de trabalho é, assim, uma mercadoria que seu possuidor, o assalariado, vende ao capital. Por que a vende? Para viver. Mas a força de trabalho em ação, o trabalho humano, é a atividade vital peculiar ao operário, seu modo peculiar de manifestar a vida. E é esta **atividade vital** que ele vende a um terceiro para assegurar-se os **meios de subsistência** necessários. Sua atividade vital não lhe é, pois, senão um meio de poder existir. Trabalha para viver. Para ele próprio, o trabalho não faz parte de sua vida; é antes um sacrifício de sua vida. É uma mercadoria que adjudicou a um terceiro. Eis porque o produto de sua atividade não é também o objeto de sua atividade. [...] o que ele produz para si mesmo é o **salário**, e a sêda, o ouro, o palácio, reduzem-se, para ele a uma quantidade determinada de meios de subsistência, talvez uma jaqueta de algodão, alguns cobses ou o alojamento no subsolo. (MARX, S/N, p. 63).

As relações humanas mudaram com a produção capitalista. O indivíduo que vende sua força de trabalho não reconhece no processo e no produto do seu trabalho obras suas, mas, antes, faz do trabalho um meio para atingir a finalidade de receber o salário, este sim, expressão de sua vida, pois é com o salário que ele garante a satisfação de suas carências mais básicas. O que o trabalhador produz para si mesmo é uma pequena parcela do total da produção da indústria. Isto caracteriza o estranhamento do trabalhador em relação ao produto e ao processo do trabalho.

O que tem de específico na sociedade capitalista é o “valor de troca”, que determina a relação social e genérica e, com isso, tudo assume forma de coisas, ou seja, de relações humanas reificadas. Os indivíduos ficam um indiferente ao outro, indiferentes com o seu meio social, no qual, toda a individualidade, toda a qualidade, toda potencialidade são negadas e canceladas, porque o caráter social do trabalho, assim como a forma social do processo e do produto do trabalho, apresentam-se aqui como algo estranho frente aos indivíduos, em uma ausência de sociabilidade. Estas relações sociais não aparecem ao indivíduo como produto do trabalho estranhado, ou seja, de sua subjetividade estranhada, mas como expressão de sua necessidade de trabalhar. O trabalho se torna um sacrifício a que o trabalhador precisa se submeter a fim de garantir sua existência.

[...] quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais barato o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito o servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2010, p.82).

O trabalhador é, na organização do trabalho na sociedade capitalista, uma mercadoria, pois sua força de trabalho é corporal e só pode se apresentar em carne e osso, e só produz para sua própria exploração. Primeiro: o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem ele vendeu sua força de trabalho, a sua força de trabalho não pertence mais ao trabalhador, mas pertence ao seu dono, o capitalista. E segundo, se a força de trabalho não pertence ao trabalhador, então o produto do trabalho também não lhe pertence, sendo propriedade particular do capitalista. Mas, o que distingue esta mercadoria: matéria pensante de sangue corrente, das outras mercadorias? É que sem o trabalhador não há produção de mais valor (mais valia). O trabalhador produz mais do que necessita para sobreviver, e isso é expropriado dele pelo capitalista na forma do “valor”.

Nesta relação estranhada o trabalhador não se efetiva, não se realiza, pelo contrário, ele se mortifica, desefetiva, desumaniza, e é infeliz porque não desenvolve nenhuma energia física e espiritual, embrutece sua organização corporal e junto com isso, arruína seu espírito, sua subjetividade.

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não esta em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, *trabalho obrigado*. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade (*Äusselichkeit*) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. (MARX. p, 83, 2010).

O trabalho que, como vimos, é o formador do ser humano no mais amplo sentido, é o enriquecimento material e espiritual do trabalhador, é o potencializador das capacidades humanas, na relação estranhada se transforma no exato oposto. Ao não se reconhecer no trabalho como sua riqueza humana e ao ter o trabalho retirado de si no estranhamento do produto e do processo do trabalho, o trabalhador

produz para si próprio apenas pobreza material e espiritual. Esta pobreza, esta desumanização, esta desigualdade social são partes constitutivas do capital, e só existem os seres em condições sub-humanas devido à necessidade objetiva deste momento histórico que fundamenta-se na contradição de produzir riqueza para o acúmulo capitalista e produzir pauperismo a grande contingente populacional.

As carências e as necessidades do ser humano são rebaixadas apenas para a reprodução mais básica da vida (alimento precário, abrigo precário, reprodução da força de trabalho através da geração de novos futuros trabalhadores), pela venda de sua força de trabalho, e isso não é tudo: a precariedade do trabalho sob o sistema capitalista produz, além da pobreza material, a pobreza espiritual do trabalhador. Com isto, um dos aspectos mais humanos do trabalho se torna desumanizador, segundo Marx:

Cada homem especula sobre como criar no outro uma *nova* carência, a fim de forçá-lo a um novo sacrifício, colocá-lo em nova sujeição e induzi-lo a um novo modo de *fruição* e, por isso, de ruína econômica. Cada qual procura criar uma força essencial *estranha* sobre o outro, para encontrar aí a satisfação de sua própria carência egoísta. Com a massa dos objetos cresce, por isso, o império (*das Reich*) do ser estranhado ao qual o homem está submetido e cada novo produto é uma nova *potência* de recíproca fraude e da recíproca pilhagem. O homem se torna cada vez mais pobre enquanto homem, carece cada vez mais de *dinheiro* para se apoderar do ser hostil, e o poder de seu dinheiro cai precisamente na relação inversa da massa de produção, ou seja, cresce sua penúria (*Bedürftigkeit*) à medida que aumenta o *poder* do dinheiro. (MARX, 2010, p. 139).

A propriedade privada retira do trabalhador aquilo que fez e faz os seres humanos se distinguirem dos animais: os meios de trabalho ou instrumentos de trabalho, os objetos do trabalho e a matéria. O que resta ao trabalhador é sua força de trabalho a ser explorada pelo capitalista. Então, o que potencializaria o seu corpo e seu espírito na relação com a natureza é retirado do ser humano que trabalha, desumanizando-o. Mas não é só isso, para que as mercadorias entrem em intercâmbio, e para que a mercadoria humana possa suprir suas carências imediatas e não imediatas ela necessita do alcoviteiro, ou seja, do dinheiro, que é o medidor universal as relações humanas mercantis.

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. (MARX, 2010, p. 83).

Uma suposta divisão entre corpo e espírito aflora aparentemente na relação de produção de mercadorias. Restringindo o trabalhador a uma existência corpórea

imediate, biológica, presa às condições básicas da existência e de reprodução física. Esta situação é o fundamento do estranhamento, porque reduz toda capacidade humana à força de trabalho, à mercadoria, como mera sobrevivência física, deixando o enriquecimento humano mais amplo, cultural, espiritual, somente para aqueles que, por ter dinheiro, podem se distanciar do trabalho.

CAPÍTULO 2

INSTRUMENTO MEDIADO E POTENCIALIZAÇÃO DO SER HUMANO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Abordaremos, neste capítulo, a questão dos instrumentos. O entendimento é de que não há atividade vital humana sem que se interponha, entre o homem e seu objeto, um instrumento, quer seja ele a linguagem, a cultura, ou um martelo ou uma foice. Os instrumentos são as extensões do corpo humano que, por um lado, potencializam as capacidades físicas e espirituais do ser humano, mas, por outro lado, podem voltar-se contra a elevação humana quando apropriados particularmente. Neste caso, tornam-se, os instrumentos, em ferramentas do estranhamento.

Tais considerações compõem a base sobre a qual serão realizadas as reflexões sobre o instrumento mediado e a potencialização do corpo na Educação Física. Os instrumentos para as aulas não podem deixar de ser apreendidos como instrumentos mediados e, se o instrumento mediado na sociedade capitalista é mais um elemento do estranhamento, cabe pensar se na Educação Física a utilização de instrumentos é potencializadora do corpo humano, ou se apresenta como elemento que reforça o estranhamento.

2.1 Instrumentos: os mediadores do trabalho humano

A vida humana é trabalho, que, por sua vez, é uma ação intencional, teleologicamente planejada ou prefigurada idealmente e necessita de meios de trabalho ou, instrumentos de trabalho. Sem estes instrumentos as capacidades humanas não se desenvolvem, ou seja, somente com o desenvolvimento dos instrumentos de trabalho, o ser genérico desenvolve seu gênero.

O instrumento de trabalho é fundamental para vida humana, a própria composição corporal é um instrumento de trabalho limitado e não há como realizar uma ação humana qualquer sem a utilização de um instrumento. Além do mais, pretendemos demonstrar que a organização corporal humana, só pode existir e se transformar em relações humanas pela relação de produção da vida material, e que

a produção da vida material não é possível sem a presença dos mais diferentes instrumentos.

A linguagem, por exemplo, possibilitou ao ser humano desenvolver as formas mais complexas do trabalho, ela é um instrumento. Este instrumento possibilitou o desenvolvimento de outros órgãos corporais, como os sentidos, a laringe, o cérebro. Na medida em que o cérebro se desenvolveu, também se desenvolveram os instrumentos de trabalho. Deste modo, o corpo humano não só se desenvolveu pela relação com os objetos da natureza e com os demais seres humanos, mas também, como consequência, fez com que se tornassem mais complexos os instrumentos.

A cada novo meio de trabalho, a cada novo instrumento mediador do trabalho, o ser humano avançou na emancipação do seu gênero em relação às determinações da natureza. Os instrumentos impõem ao sujeito a necessidade de fazer escolhas entre alternativas concretas: utilidade, forma, jeito, etc., que irá utilizá-los para obtenção dos resultados, isso trás o conhecimento sobre o processo de trabalho.

O homem se universaliza tanto mais universal se torna o seu domínio sobre a natureza, que é seu corpo inorgânico e fonte de todos os instrumentos.

Assim como plantas, animais, pedras, ar, luz., formam teoricamente uma parte da consciência humana, em parte como objetos da ciência natural, em parte como objetos da arte – sua natureza inorgânica, meios de vida espiritual, que ele tem de preparar prioritariamente para a fruição e para digestão -, formam também praticamente uma parte da vida humana e da atividade humana. Fisicamente o homem vive somente destes produtos da natureza, possam eles aparecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação etc. Praticamente, a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo *inorgânico*, tanto na medida em que ela é 1) um meio de vida imediato, quanto na medida em que ela é objeto/matéria e o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, **a saber, a natureza enquanto ela mesma não é o corpo humano**³. O homem *vive* da natureza significa: a natureza é seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza esta interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2010, p. 84).

O homem, por sua ação operativa, efetiva, consciente na natureza cria a si mesmo e ao mundo, ou seja, cria a natureza humana. Ele não exclui a natureza, ele nega sua relação imediata, para afirmar sua ação teleológica sobre a natureza.

Pois primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas com um *meio* para satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é,

³ Grifos nossos.

porém, a vida genérica. É a vida engendrada de vida. No modo (*Art*) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma species, seu caráter genérico, e atividade consciente livre e o caráter genérico do homem. A vida mesma aparece só como *meio de vida*. (MARX, 2010, p. 84).

No processo de trabalho o instrumento medeia a ação do indivíduo com o objeto de trabalho, esta mediação pode aparecer como algo mecânico, físico, químico, etc., que atua sobre o objeto de trabalho, determinando um novo produto ao final do processo. No produto ficam cristalizadas as qualidades objetivas e subjetivas do trabalho. Este novo produto traz consigo novas potências: primeira: a de aplicação útil, ou seja, aplicá-lo como novo meio de trabalho ou instrumento de trabalho, como nova matéria-prima auxiliar ou principal em diversos ramos do processo de trabalho; segunda potência: aplicar este produto como processo de trabalho acabado, tendo ele a utilidade como meio de subsistência. Essas potências podem ser chamadas de tecnologia, pois a tecnologia, produção humana, é um instrumento de potencialização corpórea e espiritual.

O instrumento, seja ele inorgânico ou não, só pode ser instrumento humano se for apropriado pelo indivíduo. Para tanto, é preciso entender que só pode existir instrumento humano a partir e no interior de relações humanas historicamente construídas. Segundo Marx:

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, [...] são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade *humana*; seu comportamento para com o objeto é o *acionamento da efetividade humana* (por isso ela é precisamente tão múltiplice (*vielfach*) quanto múltiplas são as *determinações essenciais e atividades humanas*), *eficiência humana* e *sofrimento humano*, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2010, p. 108).

A construção de instrumento ligado diretamente ou não ao trabalho é uma ação socialmente construída. O conhecimento que é produzido sobre como aplicar e reaplicar os meios ou instrumentos de trabalho, objetos do trabalho e matéria-prima e a própria força humana já permite a constituição de um acervo de conhecimentos elaborados pelo trabalho. É desta forma que, a partir dos instrumentos, pelo trabalho, os sentidos do indivíduo humano tornam-se sentidos humanizados, sociais,

[...] o olho se tornou olho *humano*, da mesma forma como seu *objeto* se tornou um objeto social *humano*, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os *sentidos* se tornaram *teóricos*. [...]

compreende-se que o olho humano frui de forma diversa da que o olho rude, não humano [frui]; o ouvido humano diferentemente da do ouvido rude. (MARX, 2010, p. 109).

O sensível é uma atividade prática, é a construção de novas sensibilidades humanas. A cada instrumento criado, a cada nova descoberta, a potencialização, a sensibilidade humana consciente sobre o mundo transforma-se e desenvolve uma nova forma de mediação entre ser humano e objeto, que implica em novas sensações, novas possibilidades de fruir do objeto, novas transformações no ser subjetivo, em sua composição corporal, e, por isso, novas transformações no seu espírito ou consciência:

O sentido do tato tornou-se mais preciso, o olho humanizado vê muito mais nas coisas que o olhar da ave mais perscrutante, o ouvido tornou-se capaz de perceber as diferenças e as semelhanças mais ligeiras entre os sons da linguagem articulada do homem. (KLEIN, SILVA e DA MATA, 2011, p. 252).

É deste modo que os instrumentos potencializam o ser humano. O instrumento desenvolvido ao longo da história torna o sentido humano historicamente mais complexo. O problema se apresenta quando, no movimento da sociedade capitalista, os meios de produção são apropriados de forma privada e se aprofunda a divisão, a fragmentação, a mutilação em relação ao trabalho e em relação ao modo como os trabalhadores utilizam os instrumentos, estes se tornam antagônicos ao desenvolvimento pleno das capacidades humanas.

O estranhamento torna-se fator determinante das relações humanas no movimento da sociedade capitalista porque o trabalhador não tem propriedade sobre aquilo que lhe faz ser mais humano, na verdade, a própria natureza é estranha a ele. A fonte de todos os instrumentos aparece diante do indivíduo como algo em que ele não se reconhece. O mesmo ocorre com o produto e o processo do trabalho, impossíveis sem a utilização dos instrumentos historicamente produzidos. E o mesmo acontece na relação do ser humano com os demais seres humanos.

O lugar de *todos* os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, por tanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do *ter*. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior. (MARX, 2010, p. 108-109).

Há, neste processo, uma relação contraditória: as relações capitalistas criam novos instrumentos, novas tecnologias e enriquecem o mundo das coisas, mas, na mesma medida, empobrecem cada vez mais os trabalhadores, sua subjetividade,

fragmentam seu corpo e sua mente e esvaziam de forma e conteúdo a unidade entre pensar e agir a partir do trabalho estranhado.

As relações estranhadas precisam ser sustentadas por instrumentos teóricos hegemônicos que explicam e afirmam que esta é a única forma possível de se relacionar no mundo. Entre as questões que aparecem, está a ciência, instrumento humano complexo e posto a serviço da reprodução social capitalista, adverte Mézszáros:

Ao mesmo tempo, a questão, estritamente relacionada com essa, de como a humanidade poderia alcançar o *domínio consciente das condições materiais e humanas da reprodução social* [...] ou é ignorada por completo ou é mais ou menos mecanicamente subordinada a outra questão. Àquela de como assegurar o autodesenvolvimento da ciência e da produção material, que, na realidade social dada, equivale a obedecer cegamente aos imperativos do valor de troca autoexpansivo.

De acordo com essa perspectiva, os objetos legitimamente factíveis da atividade humana *têm* de ser concebidos segundo o progresso material alcançado mediante a operação das ciências naturais, permanecendo cegos para a *dimensão social* da existência humana a não ser em seus aspectos essencialmente funcionais/operacionais e manipulativos. Isto porque uma visão alternativa exigiria o abandono do 'ponto de vista da economia política' equivalente à ótica do capital, que, mesmo no trabalho vivo, não pode ver senão um 'fator material de produção'. Não é de surpreender, portanto, que, no decorrer de vários séculos, nos seja constantemente apresentada a mesma ideologia orientada para a ciência, em tantas versões diferentes, desde a concepção cartesiana da 'filosofia prática' e seu objeto até os recentes postulados das 'segunda e terceira revolução industrial', da 'revolução tecnológica', da 'revolução eletrônica' e da 'revolução da informática' [...]. O denominador comum de toda essa diversidade é o desejo de encontrar, para os problemas e as deficiências que se identificam na vida social [...] soluções estritamente pertencentes ao âmbito da ciência e da tecnologia. (MÉZSZÁROS, 2009, p. 20-21)

Sob as leis do capital, a ciência e a tecnologia tornaram-se instrumentos justificadores da dominação de classe, dos problemas e das deficiências do sistema capitalista. As soluções encontradas são precárias e ideologicamente comprometidas no aparente desenvolvimento tecnológico, nos avanços das ciências. Na verdade, a técnica, proveniente das ciências, nada mais faz do que reforçar a exploração e a desumanização do trabalhador. Segundo Chagas:

No âmbito da técnica capitalista, da maquinaria industrial moderna, o trabalho do homem perde o seu caráter atrativo e autônomo, uma vez que o homem se torna um mero acessório da máquina, manejando apenas atividades simples, enfadonhas. [...] O trabalhador passa a ser um simples apêndice da máquina e só se requer dele a operação mais simples, mais monótona, mais fácil de aprender. [...] Com a maquinaria capitalista, o indivíduo que trabalha deixa, portanto, de ser sujeito de sua atividade, ou seja, perde não só o controle do processo de trabalho, na medida em que só executa ordens, como também embrutece a sua subjetividade. (CHAGAS, 2012, p. 143-144).

Portanto, nas condições da propriedade privada dos meios de produção, a força de trabalho é fragmentada, é unilateral e, mais, o trabalhador é transformado em um ser animalesco, que não se vê como constitutivo do gênero humano.

2.2 Organização do Trabalho Pedagógico e Educação Física como instrumento potencializador na luta de classe

A Organização do Trabalho Pedagógico, segundo os interesses da classe trabalhadora, deve ter cunho conscientizador das contradições inerentes ao modo de produção capitalista. Compreendendo, assim, que as relações humanas são históricas, produzidas por seres sociais históricos, que não se adaptam apenas a realidade, mas a transformam continuamente, acumulando conhecimento pela produção de seus instrumentos, mediadores da vida humana com a natureza. Os conhecimentos provenientes dessa relação devem ser os motivadores das transformações sociais necessárias. A educação conscientizadora combinada à ação política organizada, baseada nos conhecimentos que se acumulam, dá origem à práxis.

A função de relacionar o processo de ensino-aprendizagem com o processo de trabalho é do professor, conscientizando os estudantes da unidade perdida entre saber fazer e pensar, mostrando que o processo de trabalho é o elemento fundamental para a formação do ser humano em sua totalidade, embora cada processo seja distinto.

As transformações do processo produtivo determinam transformações nas capacidades corporais: habilidade, destreza e os sentidos humanos, segundo as novas necessidades produtivas, dito de outra forma, os instrumentos de trabalho potencializam a ação humana e os sentidos humanos, mas cada potencialização trás consigo novas necessidades. Desta maneira, a manifestação de cada indivíduo é verdadeira afirmação ontológica na relação do ser humano com a natureza e com outros seres humanos.

Dissemos antes que o desenvolvimento objetivo é concomitante com o desenvolvimento subjetivo. O processo do trabalho demanda instrumentos que, ao elevar as capacidades técnicas dos trabalhadores, podem também elevar sua subjetividade. A educação física pode contribuir em sua Organização do Trabalho Pedagógico tratando desta relação: as manifestações objetivas e subjetivas do ser

social com o processo de trabalho propriamente dito. Os instrumentos de que a educação física lança mão para a realização de sua atividade prática pedagógica podem ser, também, instrumentos de conscientização não só da potencialização do ser humano a partir dos instrumentos, mas também das contradições do sistema capitalista.

O andar, o saltar, o manipular objetos com diferentes partes do corpo, o ler, o escrever, o conhecimento, etc., são elementos presentes nas aulas de Educação Física que, se tratados como conquistas históricas do ser humano ao longo de milhares de anos, podem contribuir para o desenvolvimento de uma consciência mais ligada ao trabalho em seu sentido ontológico. Os instrumentos utilizados nas aulas de educação física, como bolas, arcos, cordas, redes, quadra e até mesmo os próprios edifícios escolares são produtos da ação produtiva humana e reproduzem a vida genérica humana. E, todos esses instrumentos de potencialidade humana são resultados da relação de trabalho, que necessita da teleologia, da força de trabalho, de instrumentos de trabalho e meios de trabalho, que medeiam a manifestação da corporeidade frágil humana com seu corpo inorgânico: a natureza.

O conhecimento mais elaborado do atual momento histórico deve ser objeto da educação física. Esse conhecimento mais elaborado se expressa também nos instrumentos utilizados na Organização do Trabalho Pedagógico nessa disciplina, pois são produções humanas. Conhecer os instrumentos como produtos do trabalho humano deve ser um dos objetivos das aulas de educação física. Deste modo podem os indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem apreender a universalidade do gênero humano, com isso, potencializando suas individualidades a favor do desenvolvimento humano.

Pretendemos uma educação física que seja omnilateral, humanizadora, efetivadora do ser genérico, que potencialize o corpo humano. Para isso, é necessário lutar por uma sociedade omnilateral, em que os seres humanos possam desenvolver livremente suas potencialidades. Na sociedade capitalista, entendemos ser impossível atingir tal objetivo, mas consideramos perfeitamente possível persegui-lo através de aulas de Educação Física que considerem o ser humano em sua totalidade, que respeite o corpo humano como um instrumento de ação na natureza, no dispêndio da força de trabalho, que só é possível com os instrumentos inorgânicos ou meios de trabalho que potencializam de forma consciente a ação laboral.

E, como através do trabalho criam-se outras práticas corporais para além do trabalho, mas que estão em relação com ele, nestas práticas corporais também temos a necessidade de instrumentos materiais e intelectuais que potencializem a atividade e a compreensão sobre a atividade.

Sabemos que sob as leis da propriedade privada, o trabalhador é fragmentado em corpo e espírito, deformado, embrutecido e que só tem possibilidades de desenvolvimento unilateral. Isto desefetiva o trabalhador como ser humano e inverte suas qualidades, tornando-as mercadorias.

A educação é relegada a mera instrução da força de trabalho para gerar mais-valia, degradando o trabalhador, submetendo-o a uma existência sub-humana e retirando dele a saúde e a força física, bem como suas capacidades cognitivas. O trabalhador relegado a condições menos que humanas é reproduzido pela educação comprometida com a ordem capitalista.

Para modificar a natureza humana de modo que ela possa adquirir habilidades e aptidão num determinado ramo do trabalho e se tornar uma força de trabalho desenvolvida e específica faz-se necessário uma formação ou um treinamento determinado, que, por sua vez, custam uma soma maior ou menor de equivalentes de mercadorias. Esses custos de formação variam de acordo com o caráter mais ou menos complexo da força de trabalho. Assim, os custos dessa educação, que são extremamente pequenos no caso da força de trabalho comum, são incluídos no valor total gasto em sua produção.

O valor da força de trabalho se reduz ao valor de uma quantidade determinada de meios de subsistência e varia, portanto, com o valor desses meios de subsistência, isto é, de acordo com a magnitude do tempo de trabalho requerido para a sua produção. (MARX, 2013, p. 246-247).

Com isto, pretendemos demonstrar que a educação comprometida com a ordem capitalista justifica e reproduz trabalhadores para serem inseridos no mercado de trabalho hostil e desumano do capital, como mercadorias baratas. Entendemos que a educação, quando se compromete com a elevação das capacidades humanas, não pode se reduzir às demandas do capital. Do mesmo modo, entendemos que a Organização do Trabalho Pedagógico na educação física deve contribuir para a superação da exploração do trabalho nos moldes capitalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a ciência, a tecnologia deveriam potencializar a corporeidade humana, o fruir nas atividades para além do trabalho, mas sob o modo de produção capitalista, elas se tornam instrumentos estranhos ao ser, então, cabe a uma educação física comprometida com os interesses da classe trabalhadora, atuar com o desenvolvimento de práticas que conscientizem os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem a respeito da importância do trabalho, em seu sentido ontológico, para a potencialização do ser humano como um todo. Para isto, os instrumentos utilizados nas aulas de educação física são essenciais, porque eles são os meios a partir dos quais se pode construir uma consciência não só do processo do trabalho, como também da relação dialética entre homem e natureza e entre o indivíduo humano e os demais indivíduos humanos. Os instrumentos, se utilizados de forma correta, podem potencializar o ser humano de forma omnilateral, multiplicando suas capacidades e tornando o ser humano, sujeito histórico, um ser capaz de se reconhecer nas produções humanas.

Portanto, na Organização do Trabalho Pedagógico nas aulas de educação física, temos a necessidade de superar a redução dos sentidos humanos ao sentido do *ter*. E, é, por isso, preciso que as aulas sejam mediadas por instrumentos que apareçam como produções humanas aos próprios sujeitos. Para a educação física é possível encontrar um caminho na clareza de que existe unidade entre a manifestação física e espiritual e, para que ela se desenvolva, temos a necessidade de apropriação e compreensão dos fenômenos relativos à manifestação corpórea humana, para assim, poder superar as carências postas pelas novas necessidades geradas pelo trabalho e pela práxis, tomando *para si* toda a riqueza das relações humanas. Deste modo a educação física pode se tornar um instrumento para que os trabalhadores compreendam sua relação estranhada, ou seja, que nas relações capitalistas ele [trabalhador] é mera força de trabalho, trocável quando apresenta patologias adquiridas socialmente, ou quando não mais se mostra lucrativo para o processo produtivo, ou seja, o acúmulo do capital. Somente a partir de uma crítica profunda, a construção das potencialidades humanas pode encontrar na educação física um meio para a conscientização sobre as relações estranhadas na sociedade capitalista e um instrumento de ação contra tal situação.

Sendo, assim, a Organização do trabalho Pedagógico na educação física, na compreensão e no ensino, deste complexo crescente das relações humanas devem ocorrer de forma e conteúdo conscientizadora, de que a construção dos corpos humanos é determinada pelas relações históricas e sociais, ou seja, ontológicos. Elevando assim, a consciência da classe trabalhadora sobre as leis da propriedade privada dos meios de produção, da venda da força de trabalho e, com isso, a fragmentação do corpo e do espírito que acarretam na desumanização dos sentidos humanos, porque o ser humano é fragmentando dos instrumentos que potencializam sua ação na natureza, seja o instrumento no trabalho, ou o instrumento na práxis: nos jogos, na dança, na arte, na ciência etc., no fruir humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, EDUARDO FERREIRA. Reflexão Sobre a Técnica em Marx. In Facci, Maia, Antônio Glaudenir Brasil., **Técnica e Existência: Ensaio Filosófico**. Fortaleza, Ed. Caminhar, 2012, p. 137-156.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. Ilhion: ANTUNES, R. (Org). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. P. 11-28

KLEIN, Lígia, LUCCHESI Graziela e DA MATA Vilson Aparecido. Alienação ou Exclusão: refletindo o processo de “inclusão” na educação de Jovens e adultos. In Facci, M., Meira, M., Tuleski, S., **A exclusão dos “incluídos”: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos**. Ed. UEM, 2011, p. 229-257.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Atividade e Consciência, 1997. Disponível em [//www.marxists.org/](http://www.marxists.org/)

MARX & ENGELS, KARL & Friedrich. **A Ideologia Alemã**, 3º edição, Editorial Presença, 1997.

_____. **Manuscritos Econômico-filosóficos**, 4º Ed. São Paulo, Boitempo, 2010.

_____. **Obras escolhidas**, 1º Ed, Alfa-Omega, s/d.

_____. **O Capital**, 1º Ed. São Paulo, Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e Formas de Consciência: a determinação social do método**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

NETO & BRAZ, José Paulo & Marcelo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.